



NOTAS SOBRE A ESCOLA DOS TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA-BA

José Valdir Jesus de Santana¹
José Carlos Batista Magalhães²

INTRODUÇÃO

De acordo com dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI (Bahia), em 2011, os Tupinambá contabilizavam 4.486 indivíduos configurando a segunda maior etnia no Estado. Os Tupinambá estão distribuídos em diferentes comunidades que estão dispostas em uma extensão aproximada de 47 mil hectares e que compreende os municípios de Ilhéus, Buerarema e Una. Estes limites geográficos já foram reconhecidos como Terra Indígena e abarcam ambientalmente paisagens muito distintas que se estendem desde a costa litorânea até a região serrana de mata atlântica (ROCHA, 2014).

Diversas etnografias têm sido produzidas, nas últimas décadas, sobre os Tupinambá, em relação a diferentes temáticas, a exemplo do trabalho de Viegas (2007), que se tornou uma referência importante para os estudiosos, sobretudo entre os antropólogos que continuam a desenvolver pesquisas entre este povo. Sua etnografia se sustenta em uma antropologia da vida cotidiana e, nesse sentido, são acionados conceitos como socialidade, comensalidade, convivialidade e micro história que se tornam centrais para a compreensão do parentesco, das relações de gênero, dos afetos, da produção dos lugares que, no limite, como propõe a autora, atuam na produção da pessoa Tupinambá. As etnografias de Couto (2008) e Ubinger (2012) centram-se em aspectos da cosmologia e da religiosidade deste povo, especialmente dos Tupinambá que habitam a Serra do Padeiro.

Mejía Lara (2012), mesmo não tratando diretamente da escola, ajuda-nos a compreender o que os Tupinambá definem como “estar na cultura”, aspecto central para a compreensão da educação escolar e do como a escola se articula a outras demandas, como

1 Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista/BA/Brasil) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da mesma Universidade. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “Os processos de Gestão da Educação Escolar entre os povos indígenas Pataxó, Pataxó Hã Hã Hã e Tupinambá: experiências em construção”. Endereço eletrônico: santanavaldao@yahoo.com.br

2 Mestrando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília - UnB. UnB/BRASIL. Endereço eletrônico: jcarlosbatista19@gmail.com



à luta e defesa do território e às investidas na realização de retomadas. Alarcon (2013) buscou compreender as ações de retomadas levadas a cabo pelos Tupinambá da Serra do Padeiro, posto que, segundo a autora, apesar de as retomadas serem reconhecidas pela literatura antropológica como uma prática disseminada entre os povos indígenas no Brasil, elas não têm sido objeto de estudos detidos. Ademais, segundo Alarcon, as retomadas são mais que “instrumentos de pressão”, destinados a fazer com que o Estado brasileiro concluísse o processo administrativo de demarcação da Terra Indígena. Essas formas de ação são parte de uma estratégia de resistência e luta pelo efetivo retorno da terra, categoria engendrada pelos Tupinambá, lastreada em suas concepções territoriais.

METODOLOGIA

Compreender como cada povo indígena tem produzido suas escolas é de fundamental importância, posto que, como já nos advertiu Sahlins (2004, p. 184) “nenhum objeto, nenhuma coisa existe ou tem movimento numa sociedade humana exceto pela significância que os homens lhe possam atribuir”. Nesse sentido, são muitos os sentidos e significados que os povos indígenas, a exemplo dos Tupinambá, têm atribuído à escola, através de suas “políticas culturais”, como propõe Carneiro da Cunha (2014). A etnografia (PEIRANO, 1995; LOPES DA SILVA, 2001; COLLET, 2006), portanto, se torna fundamental para a compreensão desses processos. A pesquisa que temos realizado junto aos Tupinambá, no sentido de compreender como estes produzem e se apropriam da instituição escolar, teve início em abril de 2011 e se estendeu, de forma sistemática a maio de 2012, com retorno a campo em 2013 e 2014, por período mais curtos. No entanto, continuamos, até o presente momento, desenvolvendo pesquisa junto a esse povo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pesquisadores como Grupioni (2008, 2013), Cohn (2005, 2014), Cohn e Santana (2013, 2016), Bergamashi (2012), Lopes da Silva (2001), Tassinari (2008), Ferreira (2001), D'Angelis (2012), Tassinari e Cohn (2012), Paladino e Almeida (2012), Paladino e Czarny (2012), Luciano (2014) dentre outros, já nos demonstraram como vão se constituindo



as políticas de educação escolar indígena no Brasil, em diferentes períodos de nossa história e do como, atualmente, tais políticas têm sido implementadas e apropriados pelos povos indígenas, em um contexto em que termos como especificidade, diferença e interculturalidade orientam tais políticos e distintos projetos de educação.

O movimento indígena de organização dos atuais Tupinambá se configura desde os anos 1980, mas ganha corpo principalmente a partir do final dos anos de 1990, quando uma mulher nativa, Núbia Batista da Silva, com formação escolar superior (graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA) e ligada a uma organização não governamental de alfabetização (CAPOREC³) passa a mobilizar as famílias de diversas localidades, que hoje compõe o perímetro da Terra Indígena Tupinambá de Olivença. É nesse contexto de mobilização e reorganização interna que a educação escolar começa a ser pensada e construída de modo a atender às necessidades deste povo, buscando atuar em duas frentes: a luta pelo reconhecimento étnico e pela retomada de seu território ancestral. O que se vislumbra, a partir desse novo contexto, é uma escola que seja produzida pelos e para os Tupinambá.

O projeto de educação escolar iniciado a partir de 1996, sob a liderança de Núbia Batista da Silva, ganha força na medida em que um grupo de professores começam a trabalhar voluntariamente para alfabetizar os moradores da aldeia. Estimulados por Núbia, essas professoras participaram do Coletivo de Alfabetizadores Populares da Região Cacaueira – CAPOREC, responsável pelo acompanhamento e assessoria pedagógica e tinha como proposta pedagógica fundamentada na obra de Paulo Freire, como outras propostas de educação voltadas para povos indígenas da Bahia, a exemplo dos índios Kiriri, como demonstrou Cortês (1996), e consistia nos seguintes passos: primeiro, a identificação e motivação das famílias da comunidade; segundo, o levantamento das expectativas dos alfabetizadores; terceiro, o trabalho partindo das histórias de vida (SILVA, 2006). Assim, ao estudar e problematizar a realidade, as questões étnicas vieram à tona nas histórias de vida dos alfabetizadores e das alfabetizadoras que foram se somando ao movimento. Ao se assumirem indígenas, muitos alfabetizadores integram-se às atividades de formação e articulação política que preparavam as atividades paralelas à Comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Essa participação proporcionou ao grupo maior experiência e conexão com os demais povos indígenas, evidenciando a necessidade da definição étnica, já bem retratado por Viegas (2007), Ferreira (2011, 2013), Magalhães (2010) e Alarcon (2013).

Os Tupinambá fazem escola para resistirem e resistem fazendo escola. Estudar é

3 CAPOREC – Coletivo de Alfabetizadores Populares da Região Cacaueira, ONG institucionalizada em 05/09/96, mas que vem atuando na educação de jovens e adultos desde 1992.



resistir. Possibilidade, inclusive, para se manter no território, cuidando dos parentes. Se a escola produz novos postos de trabalho e, portanto, novas funções, novos empregos, que são, também, disputados internamente, a partir do modo como se faz política, que envolve a relação entre caciques, escola e professores, é verdade, também, que muitos permanecem no território, “fortalecendo a cultura, a luta, o movimento”, porque tem a escola e as vantagens que esta oferece, a exemplo de emprego. Para algumas famílias, a possibilidade de renda vem da escola, do emprego que esta oferece.

Estudar é como fazer retomada, em duplo sentido: é resistência, diante dos perigos, das dificuldades que se enfrenta para chegar à escola. Alguns desses perigos são muito reais, sobretudo quando se instaura tensões mais agudas com os fazendeiros, dentro do próprio território. Ir à escola, nessas circunstâncias, é sempre perigoso. Ouvi de professores que nestas situações as crianças, especialmente as que precisam atravessar fazendas para chegarem à escola, têm que “esconder sua cultura, a pintura corporal, colares, tanga”, como forma de não serem facilmente identificadas e, com isso, sofrerem ataques. Outras, ainda, segundo relato de um professor, “não querem chegar pintadas em casa porque tem medo do patrão, de serem expulsas da terra. Medo de sair da terra e não ter para onde ir”. Por outro lado, estudar é “retomar”, de forma sempre atualizada, através do que se aprende na e pela escola, a história dos antepassados, suas lutas, resistências; é produzir e “estar na cultura” como temos afirmado.

CONCLUSÕES

O movimento que multiplica a escola pelo território indígena, em especial pelas áreas de retomadas, através dos processos de nucleamento, tem sido central para a compreensão da importância que a escola assume entre os Tupinambá e como já demonstrado por Santana (2015) está articulado à luta pela demarcação e defesa do território, à defesa do parentesco, à produção da cultura e ao *estar na cultura*, além da construção da identidade (COHN e SANTANA, 2016; SANTANA, 2015; MEJÍA LARA, 2012). Ademais, como demonstrado por Rocha (2014), a produção da escola e sua dispersão pelo território também se articula e é articulada pela forma como os Tupinambá fazem política.

Palavras-chave: Educação escolar indígena. Povo indígena Tupinambá. Retomadas.



REFERÊNCIAS

ALARCON, Daniela Fernandes. **O retorno da terra:** As retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia, 2013 (Dissertação de mestrado em Antropologia) Universidade de Brasília, 2013.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas práticas escolares indígenas e não indígenas. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (Orgs). **Povos indígenas e escolarização:** discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas: Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

COHN, Clarice. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n.02, pp. 485-515, 2005. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9804>. Acesso em: 13 de jun. 2013.

COHN, Clarice. A cultura na escola indígena. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; CESARINO, Pedro (Orgs.). **Políticas Culturais e povos indígenas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

COHN, Clarice; SANTANA, José Valdir Jesus de. Sobre escolas indígenas e sobre crianças indígenas: algumas reflexões. In: CÉSAR, América Lúcia Silva; COSTA, Suzane Lima (orgs.). **Pesquisa e escola:** experiências em educação indígena na Bahia. Salvador: Quarteto, 2013.

COHN, Clarice; SANTANA, José Valdir Jesus de. A antropologia e as experiências escolares indígenas. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 13, n. 25, São Luís: EDUFMA, 2016.

COLLET, Célia Letícia Gouvêa. **Ritos de civilização e cultura:** a escola bakairi, 2006 (Tese de doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, 2006.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. **Morada dos encantados:** Identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro - Buerarema, BA, 2008 (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia, 2008.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos:** a educação escolar indígena no Brasil. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012.



FERREIRA, Sonja Mara Mota. **“A luta de um povo a partir da educação”**: Escola Estadual Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro. Dissertação de mestrado (Educação). Salvador, Universidade do Estado da Bahia, 2011.

_____. Escola Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro. In: In: CÉSAR, América Lúcia Silva; COSTA, Suzane Lima (Orgs.). **Pesquisa e escola**: experiências em educação indígena na Bahia. Salvador: Quarteto, 2013.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Quando a antropologia se defronta com a Educação: formação de professores índios no Brasil. **Revista Pró-posições**. V. 24, n. 2(71), maio/agosto, 2013. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-730720130002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 de abril de 2014.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Olhar longe, porque o futuro é longe**: cultura, escola e professores indígenas no Brasil, 2008. (Tese de doutorado) Universidade de São Paulo, 2008.

LOPES DA SILVA, Aracy. Educação para a tolerância e povos indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux; FISCHMANN, Roseli (Orgs.) **Povos indígenas e tolerância**: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: EDUSP, 2001.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Educação para manejo do mundo**: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro. 1. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

MAGALHÃES, Aline Moreira. **A luta pela terra como “oração”**: Sociogênese, trajetórias e narrativas do “movimento” Tupinambá, 2010 (Dissertação de mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

MARCIS, Teresinha. **A “hecatombe de Olivença”**: Construção e reconstrução da identidade étnica – 1904, 2004. (Dissertação de Mestrado de História Social) Universidade Federal da Bahia, 2004.

MEJÍA LARA, Amiel Ernenek. **“Estar na cultura”**: os Tupinambá de Olivença e o desafio de uma definição de indianidade no Sul da Bahia, 2012 (Dissertação de Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2012.

PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela. Interculturalidade, conhecimentos indígenas e escolarização. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (Orgs). **Povos indígenas e escolarização**: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas: Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PALADINO, Mariana; ALMEIDA, Nina Paiva; **Entre a diversidade e a desigualdade**: uma análise das políticas públicas para a educação escolar indígena no Brasil dos governos



Lula. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED – Museu Nacional/UFRJ, 2012.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

ROCHA, Cinthia Creatini da. **“Bora vê quem pode mais”**: Uma etnografia sobre o fazer política entre os Tupinambá de Olivença (Ilhéus, Bahia), 2014. (Tese de doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SILVA, Núbia Batista da. **Educação de Jovens e Adultos e a afirmação da identidade étnica do povo Tupinambá de Olivença – 1996 a 2004**. Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2006.

SANTANA, José Valdir Jesus de Santana. **“A letra é a mesma, mas a cultura é diferente”**: a escola dos Tupinambá de Olivença. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS/Ufscar, São Carlos-SP, 2015.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. A educação escolar indígena no contexto do Antropologia brasileira. **Ilha – Revista de Antropologia**, v. 10, n. 1, p. 217-244, 2008. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/16328/0>. Acesso em: 12 maio de 2010.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; COHN, Clarice. Escolarização indígena entre os Karipuna e Mebengokré-Xikrin: uma abertura para o outro. In: TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; GRANDO, Beleni Saléte; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. (Orgs.) **Educação indígena**: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização. Florianópolis: UFSC, 2012.

UBINGER, Helen Catalina. **Os Tupinambá da Serra do Padeiro**: Religiosidade e territorialidade na luta pela terra indígena, 2012 (Dissertação de mestrado Antropologia), Universidade Federal da Bahia, 2012.

VIEGAS, Susana de Matos. **Terra Calada**: Os Tupinambá na Mata Atlântica do sul da Bahia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.